

estão traçadas as grandes linhas arquitetônicas. O desenvolvimento se opéra em todos os níveis, segundo a mesma técnica da transmissão ao centro psíquico já constituído e do crescimento deste núcleo, pela estratificação, ao seu redor, das capacidades sucessivamente adquiridas. A repetição de uma reação, como resposta a uma constante ação exterior, tende a fixar-se, qual nova forma, na trajetória íntima.

A vida, ansiosa por expandir-se e evoluir, tem abertos os braços ás forças ambientes, que nela penetram em caudais; multiplicam-se as criações e a consciência, ávida de sensações, se enriquece e aperfeiçoa. Complica-se-lhe a estrutura; nada se perde; nenhum ato, nenhuma prova passam sem que deixem a sua impressão. Transformam-se a consciência primordial, a forma que a veste, o ambiente que a circunda, por um processo lento de continuas composições. Cada vez mais sapiente se torna o sêr, por ter vivido e por efeito das experiências que acumulou; especializa suas aptidões. Nasce o instinto, consciência mais complexa, que recorda, sabe, prevê.

Subamos mais, até ao homem. Subsistem os precedentes substratos: a consciência orgânica, obscura, automática, mas presente, porque em funcionamento, se bem que abandonada na profundidade do sêr; o instinto, vivo, presente, sapiente como nos animais, e recordador. Mas, uma nova estratificação se agrega, a razão, a inteligência, qual feixe de faculdades psíquicas, que formam a consciência propriamente dita. Assim como o germen sintetiza todo o organismo que dele resultará, assim como, para isso, a vida sempre se refaz, afim de recommençar desde o principio em cada forma, repetindo o ciclo percorrido em toda a evolução precedente, tanto como fenómeno orgânico, quanto como fenómeno psíquico, assim também o homem resume em si todas as consciências inferiores. Cada célula tem a sua pequenina consciência, presidindo ao seu recambio, em todos os tecidos, em todos os órgãos. Uma consciência coletiva mais elevada lhe dirige o funcionamento. Todo o organismo é dirigido por instintos que regem e conservam a vida animal.

LXV — Instinto e consciência — Técnica dos automatismos.

Não vos cause isto espanto, pois não conheceis mais do que uma pequenina parte de vós mesmos. Não é fóra da vossa consciência que se efetua o funcionamento orgânico, confiado a unidades inferiores de consciência, exteriores a esta? A economia do esforço, que a lei do meio mínimo impõe, *limita a consciência humana ao âmbito em que se executa o labor útil das construções.* O que foi

vivido e assimilado definitivamente é abandonado nos substratos da consciência, zona a que se poderia chamar do *subconsciente*. Daí vem que o processo de assimilação, base do desenvolvimento da consciência, se realiza precisamente *por transmissão ao subconsciente*, onde tudo se conserva, ainda que esquecido, pronto a ressurgir, desde que uma excitação o desperte, um facto o exija.

O *subconsciente* é exatamente a zona dos *instintos*, das idéias inatas, das qualidades obtidas; é o passado transposto, inferior, mas adquirido (misoneísmo). Aí se depositam todos os produtos substanciais da vida; nessa zona encontrais de novo o que fostes e o que fizestes, o caminho seguido na construção de vós mesmos, assim como nas estratificações geológicas se vos depara a vida que o planeta viveu. A transmissão ao subconsciente se dá por meio da repetição constante. Dizeis então que o *hábito* transforma um ato consciente em ato inconsciente e dele forma uma segunda natureza. É este o método da educação. Palavras comuns, que exprimem exatamente a substância do fenómeno. Podeis assim, pela educação, o estudo, o hábito, construir-vos a vós mesmos. Mal um ato é assimilado, a economia da natureza o deixa fóra da consciência, porque, para subsistir, não mais necessita de que esta o dirija. Logo que uma qualidade se torna possuída, é imediatamente abandonada aos automatismos, sob a forma de instinto, de carácter que a personalidade assumiu.

Não se trata de extinção ou de perda, porque tudo subsiste, presente e ativo, senão na consciência, sem dúvida no funcionamento da vida, e continúa a dar todo o seu rendimento. Apenas é eliminado da zona consciência, porque pode, de então em diante, funcionar por si, deixando em repouso o Eu. Transmitida ao subconsciente, a qualidade assimilada cessa, assim, de ser esforço, mas torna-se uma necessidade, um instinto, uma precisão. O impulso dado á materia permanece e, quando ressurge, se exprime como vontade autónoma de continuar na sua direção, criatura psíquica independente, engendrada por obra vossa, desejosa, doravante, de viver a sua vida. De modo que a *consciência representa só a zona da personalidade onde se produz o esforço para a construção do Eu e para sua ulterior dilatação.* Noutros termos: *ela se limita só á zona de labor e é lógico.* O consciente compreende apenas a fase ativa, única que sentis e conheceis, porque é a fase em que viveis e em que opéra a evolução.

Podeis agora compreender algumas inexplicáveis características do instinto, assim como a sua maravilhosa perfeição. No instinto já está realizada a assimilação, o fenómeno, portanto, não se acha mais em formação, já chegou á sua ultima fase de aperfeiçoamento. Por isso, o instinto é tenaz e sabio; existe hereditario e sem adexramento, precisamente porque este já se verificou; age sem reflexão (no animal, como no homem) exatamente porque já refletiu

Consciência e evolução

Educação, hábito, estudo

Hábito
Caminho do
consciente ao
subconsciente

Consciência

Instinto

bastante. A fase de formação foi ultrapassada, tornou-se inútil o ato reflexivo: é suprimido; a repetição constante cristalizou o automatismo, numa forma que corresponde perfeitamente às forças ambientes, que atuaram de maneira constante.

Cálculo de forças, combinações, ações e reações, sensibilidade e registo concorrem no transformismo. No crisol das formações, estavam mescladas em ebulição forças diversas, cada uma regulada por um seu princípio-lei, ingênito, perfeito. Perfeito, portanto, exato, tinha que ser o que dele resultasse. O princípio diretivo, que assegurava a constância das ações e condições ambientes, ha permitido a estabilização de reações constantes no instinto e, por conseguinte, a sua correspondência com o ambiente.

Compreendeis agora a estupenda precência do instinto e de que infinita série de ensaios, incertezas e tentativas resultou tal precência. Ha de o individuo ter aprendido alguma vez essa ciência, porquanto, *do nada, nada sae*; ha de ter ensaiado a constância das leis ambientes que ela pressupõe, às quais correspondem os seus órgãos, para os quais é ele feito e proporcionado. Sem uma série infinita de contactos, ensaios e adaptações, no periodo das formações, não se explicaria tão perfeita correspondência de órgãos e instintos, antecipando a ação, no seio de uma natureza que avança por tentativas, nem tão pouco se explicaria a hereditariedade deles. No instinto, a sapiência está conquistada, transposta a fase de tentativa e vencida a necessidade de prender-se a uma linha de logica que, oferecendo mais soluções, revela a fase insegura e incerta dos atos racionados, onde o instinto uma unica via conhece e a melhor.

Se a razão cobre um campo muito mais extenso do que aquele que o instinto limita (e nisto o homem supera o animal, dominando zonas que este ignora), contudo, no seu pequeno campo, o instinto alcançou um grau de maturação mais avançado, expresso pela segurança dos atos e um grau de perfeição ainda não atingido pela razão humana que, por suas tentativas, revela as características evidentes da fase de formação. E, do mesmo modo que o animal racionou rudimentarmente no periodo da construção do seu instinto, também a razão humana aportará, concluida a sua formação, a um instinto complexo e maravilhoso, que revelará muito mais profunda sabedoria.

No homem subsiste todo o instinto animal, do qual a razão é simples continuação. Podeis agora compreender *que instinto e razão não são mais do que duas fases de consciência*, a primeira já transposta e, por isso, funcionando automaticamente, a segunda em via de formação. Não ponhais em antagonismo dois momentos do mesmo processo evolutivo. No homem, além de sobreviver todo o instinto animal, continúa a efetuar-se a formação dos instintos, como sucede com aquele, e pelo mesmo sistema, se bem que muito mais rapidamente, dada a potencia psiquica do homem, e em nível

muito mais alto, dada a complexidade do seu psiquismo. E, como no homem é inconciente a fase instinto e conciente a fase razão, assim, no animal, além do instinto inconciente, ha uma reduzida zona de formação, portanto, conciente e racional, embora de uma consciência e racionalidade primitivas. Se observardes, vereis que nem todos os atos dos animais se acham cristalizados no instinto, que neles ha sempre uma porta aberta para novas aquisições (adexramento, domesticação, etc.).

Entre planta, animal e homem, a unica diferença que existe é devida a ser maior ou menor o percurso feito. Considerai quão grande é a parte que em vós se acha confiada aos automatismos e, também, que a racionalidade humana tende a cristalizar-se em aptidões instintivas e que é instinto tudo o que se encontra profundamente adquirido.

Ha, pois, uma zona obscura do *subconciente* e uma zona lucida do *conciente*. Além das duas, ainda ha uma terceira zona, a do *superconciente*, onde tudo é espectral e se preparam as conquistas do amanhã: fase possuida apenas como pressentimento e contida em germen nas causas atuantes do presente, do qual exprime ela o desenvolvimento. Zonas de amplitude e posição relativas ao sêr, segundo o grau do seu desenvolvimento. Mesmo com relação ao homem, grandemente variam os limites do conciente, de accôrdo com a sua evolução pessoal: aquilo que é conciente, ou superconciente, para alguns, pode ser subconciente (isto é: percurso feito e experiencia adquirida) para outros mais adiantados. Esses limites também variam num mesmo individuo, durante a sua vida, que é precisamente o periodo das aquisições e transformações da consciência. A da juventude é a idade mais apropriada a essas aquisições, ou, em outros termos, mais suscetivel de educação. Refrescada então pelo repouso, a consciência se mostra mais propensa á assimilação, á estabilização de novos automatismos, que se fixarão indelevelmente no caracter, sendo mais profundos e resistentes os primeiros.

Resumindo rapidamente todo o caminho percorrido por evolução, a zona do conciente tende sempre a ascender, deslocando-se para o superconciente. Educação, bons e máus hábitos, tudo se fixa em automatismos transmitidos ao subconciente. A fase lucida do labor construtivo se transfere, nos campos mais elevados e mais profundos, para o intimo do sêr, como assimilação de qualidades espirituais.

Assim, nada se perde de todas as dores e lutas da vida, de todo bem ou de todo mal praticados. Não se perde, fóra de vós, pelo principio de *casas* e efeito; não se perde, dentro de vós, pelo principio da transmissão ao subconciente. A herança das vossas culpas, como dos vossos méritos; o resultado de todas as vossas fraquezas, como dos vossos esforços, sempre convosco os trazeis, qual quiseistes. A assimilação por automatismos e transmissão ao subconciente é o

meio de *transmitirdes á eternidade* as qualidades que adquiristes, por fruto do vosso labor. Todo ato tem um eco e deixa um vestígio. A técnica dos automatismos está na vossa experiência cotidiana, na aquisição de qualquer habilidade mecânica ou psíquica. A objeção das experiências vividas, isto é, que, pela falta de uso, se perde qualquer hábito, objeção que poderíeis levantar contra a teoria da assimilação por automatismos, carece de valor, porquanto o que se transmite ao subconsciente não é o conhecimento, é a aptidão, que não só permanece, mesmo quando aquele se apague pela falta de uso, como sabe reconstruir o que parece destruído. Daí, todas as diversíssimas capacidades inatas, às quais tanto deve a vida e que, de outro modo, não teriam explicação. Da mesma maneira que a repetição de inúmeros atos de defesa deu ao animal o instinto da defesa, também o proceder moral confere ao homem aptidões morais, lhe desenvolve o pensamento e enriquece a inteligência. Tendes assim um meio de continuamente *retificardes* a substância da vossa personalidade, que vós mesmos podeis plasmar no bem ou no mal. Assim, o vosso destino, resultante das qualidades que assimilastes, constituído e circundado pelas forças que pusestes em ação, pode sempre sofrer retoques, das vossas próprias mãos. Assim, o ferreo determinismo, que lhe foi imposto pela lei de causalidade, se abre, na zona das formações estendidas para o futuro, num campo onde só domina o vosso livre arbítrio, senhor de escolher e que, depois, salvo ulteriores correções, vos prenderá, a seu turno, pela mesma lei de causalidade.

LXVI — Rumo ás supremas ascensões biológicas.

Eis aí a técnica do desenvolvimento do psiquismo, a culminar na genese do espirito. Investigando o subconsciente encontrareis nele todo o vosso passado, a ressurgir nos instintos, nas tendências, nas simpatias e antipatias. Quem vos pode haver construído plenos de gratuitos conhecimentos instintivos, senão o "vosso" passado? E como poderia o germen da vida te-los em si e, depois, em dado momento, desenvolve-los precientes e proporcionados ao ambiente, senão por efeito de uma *restituição*, isto é, se a esse processo de descentração cinética não precedesse, por lei de equilíbrio, um correspondente e proporcional processo de concentração cinética das qualidades adquiridas através de vidas e experiências? Haverá no universo algum fenómeno que vos autorize a crer possível coisa diversa desta, que vos autorize a renegar a lei de causalidade, de proporção, de equilíbrio, de justiça? Olhai para vós mesmos e deparareis com um abismo. Ha em vós zonas mais profundas, as dos instintos mais estaveis, onde se agitam os impulsos fundamentais da vida, qual ela se definiu em suas fases

mais distantes. Sobrevivências obscuras, abismais, de uma primordial vida protoplasmica, a se agitarem agora nas fibras intimas do vosso organismo; instintos, quais os de conservação, defesa, reprodução, a explodirem de quando em quando, improvisamente, de uma zona de misterio, que desconheceis, na vossa consciência, pela maturação de um ciclo, que é lei e vontade autonoma, a progredir sem que o soubesseis ou quisesseis (por exemplo: instinto de amor, a fazer explosão na juventude). Pois que tudo o que existe traz, antes de nascer, escrita em si a sua lei, todo fenómeno está completo em seu principio, antes da sua manifestação. Ha zonas de trevas que vos infundem terror, que não querieis divisar, mas que vos atraem e ás quais interrogais em vão. E' o vosso passado.

Para tudo, porém, ha sempre remédio. No superconsciente ha luz para todos. A febre da evolução, a insaciabilidade da vossa alma são forças irresistíveis e universais, que vos impelem sempre para mais alto. A lei do progresso quer a continua dilatação do psiquismo. A evolução é lançada irresistivelmente para o superconsciente, dirige-se para o supersensível. Lembrai-vos de que a vossa consciência mais não é do que a dimensão da vossa fase de evolução α e que o vosso inexoravel caminhar, deslocando-vos de fase em fase, vos leva, de dimensão em dimensão, para o superconsciente intuitivo sintético, de que já falámos. Nas fases inferiores que percorrestes, de γ a β ; o ser existe *normalmente* sem consciência, qualidade aí desconhecida, como desconhecida vos é a dimensão do superconsciente. O estado de consciência é fenómeno em continua elaboração construtiva, ou destrutiva, conforme o trabalho, que livremente executais, é de construção ou destruição, na senda da evolução que, em o vosso nível α , é progresso moral e psíquico. Quem se faz ocioso pára, quem pratica o mal desce e destroe o proprio eu, apaga a luz da sua compreensão. Quem obra o bem ascende e se dilata a si mesmo, cria a própria riqueza de concepção e potencia dalma. Punição e premio automaticos e inexoraveis. Assim, a dor, pelas reacções de espirito que provoca, é agente de ascensão para fases e dimensões superiores.

Passarão as fôrmas materiais da vida; passarão povos, civilizações, humanidades e planetas; mas, um herdeiro recolherá o produto de tanto trabalho não inutil: a alma. O eterno e nunca saciado mudar das coisas dará um resultado que não ficará perdido. Pois que continuamente avança o campo dominado no ambito do conciente, progressivamente se desloca o limite do sensorio: o superhumano se torna humano, conciente o superconsciente, concebível o inconcebível. A consciência conquista então uma dimensão nova e o meio material se apura e sutaliza, até chegar á sua desmaterialização, até que o principio espiritual se destaque dele e avance para outro extremo, levando consigo o suco distilado de todo o passado vivido, na sua construção completa.